



## Atuação da vigilância sanitária diante da automedicação no contexto da Covid-19: Revisão da literatura

### *The role of health surveillance in the face of self-medication in the context of Covid-19: A literature review*

Fernanda Abrantes de Oliveira<sup>1\*</sup>, Ingrid Emanuely Nogueira Ramalho<sup>2</sup>, Marla Rodrigues Sarmiento<sup>3</sup>,  
Letícia Gabriel Furtado de Abrantes<sup>4</sup> & Danielle Rocha Silva<sup>5</sup>

**Resumo:** A politização da doença levou à desinformação e ao uso de tratamentos não comprovados, como o “Kit COVID”. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tomou medidas importantes, incluindo gestão e planejamento, controle do risco sanitário, regulação, monitoramento de casos suspeitos e confirmados, além de divulgar informações e comunicados relevantes no que diz respeito à saúde. Neste viés, o objetivo geral desta pesquisa é descrever de que forma a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) atuou diante da automedicação no contexto da COVID-19. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura em pesquisas e trabalhos publicados nos últimos cinco anos sobre automedicação, pandemia, vigilância sanitária, utilizando bases de dados, como: PubMed, Google acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e manuais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial de Saúde. Foram adotados critérios de inclusão, tais como: artigos publicados em português e inglês, estudos primários, monografias e revisões de literatura, enquanto os estudos que não atendiam ao objetivo geral do trabalho e publicações anteriores a 2019, estes foram excluídos. Com relação aos resultados obtidos, nota-se que a ANVISA desempenhou um papel importante no controle e regulação de medicamentos durante a pandemia, classificando a cloroquina como medicamento de controle especial e realizando mais de 30 mil fiscalizações para garantir o cumprimento de protocolos clínicos no combate à doença. Por fim, percebe-se também que a pandemia trouxe muitos desafios para os profissionais da vigilância sanitária, a fim de conter o avanço do coronavírus, especialmente no que se refere ao uso inadequado de medicamentos e outros produtos sujeitos à avaliação sanitária.

**Palavras-chave:** *Automedicação; COVID-19; Vigilância sanitária.*

**Abstract:** The politicization of the disease led to misinformation and the use of unproven treatments, such as the “COVID Kit”. The National Health Surveillance Agency (ANVISA) took important measures, including management and planning, health risk control, regulation, monitoring of suspected and confirmed cases, as well as information, communication and health education. Therefore, the general objective of this research is to demonstrate how the National Health Surveillance Agency (ANVISA) acted in the face of self-medication in the context of COVID-19. To this end, a literature review was carried out over the last five years on self-medication, pandemics, health surveillance, using databases such as PubMed, Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Manuals from the Ministry of Health and the World Health Organization Inclusion criteria were adopted, such as articles

\*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 04/04/2024; aprovado em 25/10/2023.

<sup>1</sup> Farmacêutica – UNIFSM. fernandaabrantes81@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0427-7545>;

<sup>2</sup> Farmacêutica generalista – UNIFSM. ingridemanuely201@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6805-088X>;

<sup>3</sup> Farmacêutica – UNIFSM. Pós-graduada em Citologia Clínica; marlasarmiento260@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4365-1979>;

<sup>4</sup> Farmacêutica – UNIFSM. Pós-graduada em Estética; leticiagfabrantes17@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8938-0112>;

<sup>5</sup> Farmacêutica – UEPB. Doutora em Ciências Farmacêuticas; prof.daniellerocha@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2949-2008>.

published in Portuguese or English, primary studies and literature reviews, while studies that did not meet the general objective of the work and publications prior to 2019 were excluded. Regarding the results, ANVISA played an important role in the control and regulation of medicines during the pandemic, classifying chloroquine as a special control medicine and carrying out more than 30 thousand inspections to ensure compliance with clinical protocols to combat the disease. Finally, the pandemic brought challenges for health surveillance professionals, in order to contain the spread of the coronavirus, especially with regard to the inappropriate use of medicines and other products subject to health assessment.

**Keywords:** *Self-medication; COVID-19; Health surveillance.*

## INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi constatado o início de um surto de uma doença respiratória, causando grande preocupação na população que até então desconhecia sua causa. Posteriormente foi identificada a etiologia da doença, um novo coronavírus, o qual foi nomeado de *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (SARS-CoV-2) (Guimarães; Carvalho, 2020). Sua transmissão ocorre de pessoa para pessoa, principalmente por gotículas na tosse ou expiração de uma pessoa infectada. Essa nova infecção, denominada COVID-19, se espalhou rapidamente por todo o mundo, e no final de Janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma epidemia, logo após, em março de 2020, com os números de infectados em estado alarmante, foi declarada como uma pandemia (Predêncio; Marques, 2019).

Com o número cada vez crescente de pessoas infectadas pelo novo coronavírus, o medo do desconhecido e o pouco conhecimento a respeito desse agente etiológico, as autoridades sanitárias adotaram formas profiláticas capazes de prevenir o contágio entre as pessoas, tais como: uso de máscaras, higienização frequente das mãos, distanciamento social, dentre outras. No entanto, a questão em volta da COVID tornou-se algo politizado, levando alguns líderes ao redor do mundo a não adotarem medidas preventivas como o isolamento social, por exemplo, além de defenderem o uso de medicamentos sem embasamento científico para o manejo da doença (Guimarães; Carvalho, 2020).

Diante disso, a pandemia de COVID-19 colocou o Brasil em uma situação de alta vulnerabilidade, uma vez que o vírus possui uma alta taxa de transmissibilidade e não havia investimentos em pesquisa científica e saúde capazes de promover a adoção de medidas para erradicar a doença, como uma vacina, por exemplo. Nesse contexto, a população fica vulnerável às informações falsas que surgiam, as quais se prometiam uma cura da doença através de fármacos que não tinham relação alguma com o bom prognóstico da doença, agravando o problema da automedicação (Wirowski, *et al.*, 2022).

De acordo com a OMS, o termo “automedicação” significa o ato de selecionar e usar medicamentos (incluindo chás) para tratar sintomas ou doenças autodiagnosticadas por conta própria ou por indicação de uma pessoa sem competência técnica. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância

Sanitária (ANVISA) define automedicação como o uso de medicamentos sem prescrição, orientação ou acompanhamento de médico ou dentista (ANVISA, 2001). No entanto, a prática da automedicação não se restringe apenas ao Brasil, tornando-se uma questão de saúde pública mundial (Melo, *et al.*, 2021). Consequentemente, a automedicação foi agravada no contexto da pandemia por meio da disseminação de falsas notícias aliadas à urgência de uma cura milagrosa pela população.

Durante a pandemia causada pelo novo coronavírus, a internet tornou-se o principal meio por onde as pessoas, em sua maioria leiga, buscavam e adquiriam informações acerca do que acontecia no Brasil e no mundo. Nesse contexto, por meio das mídias sociais/digitais, houve a propagação de matérias falsas e/ou manipuladas, as quais de alguma forma influenciaram negativamente o modo de agir dos indivíduos. A politização da doença fez com que as pessoas acreditassem em falas ditas por políticos que nem sempre tinham embasamento científico, como foi o caso do incentivo ao uso de algumas substâncias, conhecidas como “*kit COVID*”, como uma forma de tratamento precoce.

Diante disso, as circunstâncias tornaram-se cada vez mais sensíveis quando alguns medicamentos tornaram-se alvos para a cura e promessas de um bom prognóstico da doença. Algumas substâncias como Hidroxicloquina, Cloroquina, Ivermectina, Nitazoxanida e a Azitromicina foram palco de discussões e amplamente divulgadas pela mídia a respeito da cura da doença (Guimarães; Carvalho, 2020).

De um modo geral, a hidroxicloquina e a cloroquina são drogas antimaláricas, mas também são utilizadas como tratamento para doenças reumáticas e para o lúpus, no entanto, a hidroxicloquina apresenta um perfil mais seguro de uso. A azitromicina é um antimicrobiano da classe dos macrolídeos que foi bastante utilizado em associação com a hidroxicloquina (Predêncio; Marques, 2019).

A ivermectina, assim como a nitazoxanida, é um antiparasitário, amplamente instigado pela mídia, de amplo espectro, que em estudos *in vitro* apresentou inibição viral da COVID-19, mas sem estudos em humanos até o presente momento (WONG, 2020). A divulgação dessas drogas pela mídia e pelas autoridades políticas gerou uma corrida sem precedentes até os balcões de farmácias e drogarias.

Sendo assim, foi visto que houve um aumento na íntegra de pesquisas relacionadas aos fármacos citados anteriormente, em que na ocasião foram observados escassez destes medicamentos, intoxicações e até a morte de alguns indivíduos. Diante disso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) necessitou adotar algumas medidas para barrar a compra desenfreada dessas substâncias nas farmácias, estabelecendo ações de controle para os medicamentos.

Diante do exposto pelo presente estudo, é notório que o uso de medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus foi alarmante, tendo em vista o número de informações a respeito de substâncias que prometiam a cura e/ou o tratamento precoce da doença. Sendo assim, o presente trabalho traz como questão norteadora a forma como as autoridades sanitárias do país intervíram para sanar quaisquer formas

de uso irracional de medicamentos pela população, diminuindo, dessa forma, o número de intoxicações pelos mesmos.

Assim o objetivo principal desta pesquisa é descrever a forma como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) atuou diante da automedicação no contexto da COVID-19.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é um assunto bastante abordado no meio médico-farmacêutico pois é uma questão preocupante na sociedade em que vivemos, tendo em vista o uso irracional de medicamentos, atrelado às consequências de vários efeitos indesejáveis. Durante a pandemia da COVID-19, os índices de automedicação da população aumentaram gerando uma atenção maior a este assunto, isto ocorreu, em grande parte, devido à propagação de “curas”, como o chamado “*kit-covid*” ou “tratamento precoce” no qual foi utilizado uma combinação de medicamentos sem comprovação científica, causando um aumento nas vendas de medicamentos e seu uso inadequado, possibilitando a automedicação, a resistência bacteriana e as reações adversas (Melo *et al.*, 2021).

Diante deste cenário no qual causou grande apreensão na população, a COVID-19 acabou resultando em muitas incertezas e fragilidades na saúde coletiva, intensificando o uso de medicamentos sem prescrição, orientação ou acompanhamento médico, seja por fármacos de venda livre ou por comércio irregular. Além disso, houve ainda forte influência na divulgação de *fakenews* no que diz respeito a fármacos com prevalência de potencial na prevenção e/ou tratamento da COVID-19 já existentes no mercado.

Porém, pesquisas promissoras em análises *in vidros* mostraram-se ineficazes para a doença quando submetidos a estudos clínicos em humanos, outros estudos mostraram que a busca desenfreada por medicamentos como ivermectina, hidroxicloroquina e o comércio ilícito de azitromicina aumentou consideravelmente tanto em feiras livres, quanto em farmácias de pequeno porte, sem a exigência de receituário especial (Costa; Carvalho; Coelho, 2021).

Dessa forma, a automedicação é definida como parte de autocuidados. No Brasil, a Agência Nacional de vigilância Sanitária (ANVISA) define automedicação como o uso de medicamentos sem prescrição, orientação ou acompanhamento de médico. No contexto da pandemia da COVID-19 o aumento do consumo destes medicamentos em território brasileiro foi altamente expressivo.

Em virtude desse crescimento, as autoridades sanitárias adotaram medidas estratégicas, como a criação e publicação de resoluções para restringir o acesso e a prescrição de medicamento como a cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, entre outros. Segundo a RDC nº 405 de 22 de julho de 2020,

essa regulamentação estabeleceu medidas de controle para a obtenção desses medicamentos que dispunham de regime próprio de prescrição em receituário branco em duas vias, assim como a aquisição de medicamentos que continham a substância ivermectina deveriam ser incluídos às transmissões no SNGPC.

A automedicação é uma prática presente em nosso cotidiano, mas, na realidade, essa prática não é inofensiva. Automedicar-se pode implicar em diversos riscos à saúde, como reações adversas a medicamentos e, em casos mais graves, ocasionar intoxicações.

O fato é que essa prática se intensificou durante o isolamento social promovido pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). É importante e essencial que a população procure sempre um profissional capacitado para tal, seja seu médico ou farmacêutico, que esclareça suas dúvidas e possa repassar informações seguras e confiáveis (Prudêncio; Marques, 2020).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão da literatura, na qual se fundamentou em discutir, essencialmente, sobre a atuação da vigilância sanitária brasileira frente à automedicação no período da pandemia da COVID-19. A revisão de literatura é um método bastante utilizado uma vez que, por meio desta, é possível pesquisar em bases e portais de dados científicos a respeito de um tema e, dessa forma, revisar a criação de novas perspectivas, discussões e opiniões sobre um tema já estudado anteriormente (Mariano, Rocha; 2017).

O levantamento de dados foi realizado nas bases de dados *PubMed*, Google acadêmico e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), utilizando os seguintes descritores: automedicação, pandemia, vigilância sanitária, todos cadastrados nos Descritores de Ciências da Saúde (DeCS). Além da busca nas bases de dados supracitadas, também se buscou por artigos encontrados nas listas de manuais de referências dos estudos selecionados.

Como critérios de inclusão, foram adotados: artigos publicados nos últimos cinco anos que atendessem ao objetivo geral da revisão, estudos publicados em português e inglês, publicações de estudos primários e outras revisões da literatura. Os estudos excluídos foram aqueles que não adotaram o objetivo geral do trabalho e que continham data de publicação anterior ao ano de 2019.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após realizar as combinações com os descritores sem o emprego dos critérios de inclusão e de exclusão, foi identificado um total de 120 estudos. No entanto, após a análise dos critérios de inclusão e

exclusão totalizaram-se 60 artigos, nos quais 52 foram excluídos por não estarem de acordo com o estudo proposto.

**QUADRO 01:** Informações sobre os artigos selecionados para a pesquisa.

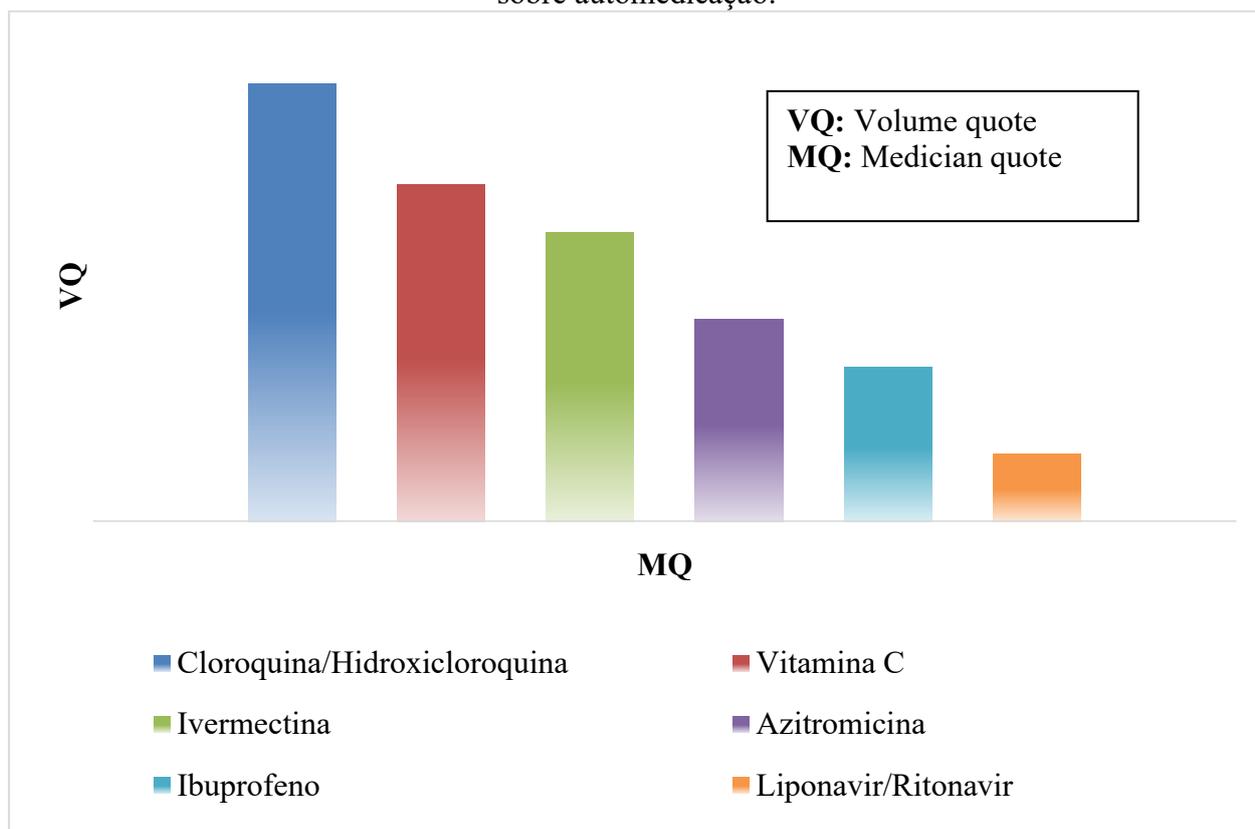
<b>Autor e ano de publicação</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Objetivo</b>
Carvalho; Guimarães, 2020.	Texto narrativo.	Impactos sociais, econômicos, e no sistema da saúde global ocasionados pela COVID-19.
Ferreira et al., 2021.	Estudo exploratório descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa.	O objetivo desse estudo é descrever as principais ações da vigilância sanitária no curso da pandemia.
Lacerda et al., 2021.	Estudo descritivo exploratório, com abordagem quantitativa.	Avaliar o acesso da população aos medicamentos na pandemia e ao uso das “promessas terapêuticas”. Cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina para prevenção e tratamento da Covid-19.
Monteiro et al., 2020.	Texto narrativo.	Alerta sobre o uso de medicamentos inadequados na pandemia.
Mallhi et al., 2022.	Texto narrativo.	Automedicação e efeitos adversos provocados pelo uso de medicamentos impróprios no período pandêmico.
Melo et al., 2021.	Texto narrativo.	Danos provocados durante a pandemia do COVID-19.
Pitta et al., 2021.	Estudo de caráter quantitativo e qualitativo, pesquisa feita através do Google Forms.	Perigos ocasionados que a automedicação pode ocasionar ao indivíduo.
Prudêncio; Marques, 2022.	Revisão bibliográfica.	Riscos e efeitos adversos ocasionados pelo uso inadequado de medicamentos na COVID-19, e a importância do profissional farmacêutico.

**FONTE:** Dados dos Autores (2023).

Ao final, após uma leitura mais criteriosa, foram selecionados 08 artigos que atendiam aos critérios estabelecidos. As publicações foram organizadas no formato de um quadro-resumo (Quadro 01), no qual foram divididas a partir de critérios como: autor e ano de publicação, tipo de pesquisa e objetivo.

Diante dos estudos investigados e inseridos nesse trabalho, nota-se um agravamento causado pela pandemia da Covid-19 no que se refere à automedicação. Essa constatação pode ser observada no trabalho de Prudêncio e Marques (2021) em que aborda os riscos da automedicação durante a Covid-19. Nesse estudo em questão, os autores destacam alguns dos medicamentos que as pessoas estavam se automedicando com intuito de prevenir e/ou tratar a enfermidade causada pelo vírus SARS-Cov-2. Dentre os medicamentos citados no trabalho de Prudêncio e Marques (2021) e que serão utilizados para as discussões deste trabalho, estão: a Cloroquina, Ivermectina, Hidroxicloroquina e Nitazoxanida. Em um estudo mais detalhado, Silva, Jesus e Rodrigues (2021) trazem graficamente suas pesquisas sobre a automedicação na pandemia e a quantidade de medicamentos mais citados em trabalhos sobre automedicação.

**FIGURA 01:** Quantidade de termos citados sobre os medicamentos mais citados em artigos científicos sobre automedicação.



**FONTE:** Silva, Jesus e Rodrigues (2021).

Como visto na Figura 01, os medicamentos cloroquina/hidroxicloroquina, vitamina C e ivermectina são os três mais citados nos trabalhos estudados. É provável que os medicamentos mencionados tenham relação com as divulgações sobre tratamentos precoces sem comprovação científica como alternativa para o tratamento dos efeitos causados pelo SARS-Cov-2, no qual muitas dessas divulgações foram realizadas por autoridades, fontes de informações sem credibilidade no assunto, além de sites e redes sociais (Gomes *et al.*, 2020). Com isso, se faz importante entender o funcionamento desses medicamentos e como a ANVISA atuou frente a essas questões de automedicação. Dentre os medicamentos citados será realizado uma discussão mais detalha sobre os seguintes medicamentos: Cloroquina, Ivermectina e Hidroxicloroquina.

De acordo com os estudos de Andrade, Moreno e Ortiz (2020), através da metodologia observacional por meio de um questionário enviado pela plataforma Google Forms, foi possível observar que de 59 acadêmicos que responderam a pesquisa, 84,75% deles afirmaram que realizam ou já realizaram a automedicação, e muitos informaram acreditar nos medicamentos sem eficácia comprovada. Além disso, alguns relataram que fizeram o uso de medicamentos que foram divulgados pela mídia e pelo meio político. Foi possível analisar também que os medicamentos mais utilizados por estes acadêmicos foram analgésicos, seguidos de anti-inflamatórios.

Corroborando com os resultados encontrados pela presente pesquisa, Melo *et al.* (2021) apresenta, por meio de seu estudo sobre a automedicação em tempo de pandemia e o papel da mídia na divulgação dos medicamentos, que a hidroxicloroquina e a cloroquina tiveram suas receitas aumentadas de R\$ 55 milhões em 2019 para R\$ 91,6 milhões em 2020. A azitromicina também teve suas vendas aquecidas, consoante a base de dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC).

A vigilância sanitária possui importante papel no espaço regulatório do estado, cujas atribuições são voltadas ao controle sanitário de processos, ambientes, serviços e produtos. Em seu relato de experiência, Ferreira *et al.* (2021), traz ênfase às ações de vigilância sanitária, que permitiram, durante a pandemia, o fortalecimento das articulações intrasetoriais e intersetoriais. Mostrou ainda que no período de sete meses foram realizadas mais de 1.500 fiscalizações, com uma tendência ao crescimento nos meses de agosto e setembro.

Por meio dos resultados do presente estudo, foi possível observar que a vigilância sanitária reforçou suas ações voltadas ao controle sanitário de medicamentos durante o período da COVID-19. De acordo com o estudo de Monteiro *et al.* (2020), o órgão regulador foi obrigado a classificar a cloroquina como medicamento de controle especial, ou seja, só é autorizada à venda com a apresentação de receita médica especial, uma vez que a população estava a estocar o medicamento, levando à escassez deste para quem precisa tratar outras patologias.

## CONCLUSÃO

Um vasto caminho foi percorrido no ano de 2020 pela ciência a fim de encontrar fármacos e desenvolver métodos capazes de prevenir e combater o avanço da COVID-19. Todavia, a ausência de substâncias capazes de promover tais resultados levou a população a buscar alternativas mais “fáceis” influenciadas fortemente pela mídia, como é o caso da utilização de fármacos sem receita, como: hidroxicloroquina e a cloroquina, gerando escassez destes em farmácias e drogarias.

A automedicação é uma prática comum que pode dificultar o diagnóstico e a cura, além de contribuir para a manutenção da cadeia de transmissão de doenças (Pitta *et al.* 2021). O contexto da pandemia trouxe muitas dificuldades aos profissionais da vigilância sanitária a fim de evitar o avanço do novo coronavírus. Para tanto, destaca-se as ações voltadas à segurança ao uso irracional de medicamentos e outros produtos sujeitos a avaliação sanitária. Neste contexto, é de suma importância que espaços para discussão sobre automedicação e seus efeitos negativos na sociedade sejam abertos com a finalidade de minimizá-la.

## REFERÊNCIAS

- [1] CARDOSO, Claudinice Silva de Jesus; SILVA, Alessandra Gomes; RAMINELLI, Ana Claudia Pompeo. Automedicação em Tempos De Pandemia Mundial. In: *Biológicas E Saúde*. 2020.
- [2] DE ALBUQUERQUE COSTA, Waldemir; DE CAMPOS CARVALHO, Natalia; COELHO, Pedro Alexandre Barreto. Abordagem da automedicação contra COVID-19 pelo Médico de Família e Comunidade. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 16, n. 43, p. 2880-2880, 2021.
- [3] DOURADO, Daniel de Araujo; RIBEIRO, Tatiane Bomfim. Controvérsias sobre a cloroquina/hidroxicloroquina. *Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*, n. Boletim 2, p. 8-10, 2020.
- [4] SOARES Ferreira, V. E., CAVALCANTE Mesquita, J. M., PARENTE, P. D., COSTA Filho, L. G. da, Ferreira Lima, M. G., & AGUIAR, A. M. de. (2021). O agir da Vigilância Sanitária frente a Covid-19 e o necessário exercício da intersectorialidade. *Revista De Políticas Públicas*, v. 20, 2021.
- [5] GOMES, Alan Hílame Diniz. ROCHA, Anne Karoline Araújo. VIANA, Tiago de Sousa. BACHUR, Tatiana Paschoalette. Riscos da automedicação na pandemia por Covid-19: o dilema entre informações midiáticas e científicas. Copyright© Editora Amplia Editor Chefe: Leonardo Pereira Tavares, p. 40, 2020.
- [6] LIMA, Gabriel Vaz; MORAIS, Yolanda de Jesus. Automedicação e os riscos de intoxicação associados ao uso de ivermectina e hidroxicloroquina. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, p. e22511931848-e22511931848, 2022.
- [7] MELO, José Romério Rabelo. DUARTE, Elisabeth Carmen. MORAES, Marcelo Vogler de. FLECK, Karen. ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, 2021.

- [8] MERCURO, Nicholas J. YEN, Christina F. SHIM, David J. MAHER, Timothy R. MCCOY, Christopher M. ZIMETBAUM. Peter J. GOLD, Howard S. Risk of QT interval prolongation associated with use of hydroxychloroquine with or without concomitant azithromycin among hospitalized patients testing positive for coronavirus disease 2019 (COVID-19). *JAMA cardiology*, v. 5, n. 9, p. 1036-1041, 2020.
- [9] MONTEIRO, Mychelle Alves. NOVOTNY, Thiago Santana. LIMA, Patrícia Condé de. OCHS, Soraya de Mendonça. Vigilância Sanitária de Produtos e Falsificações no Combate à Covid-19: Cloroquina e Demais Produtos. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 4, p. 8357-8370, 2020.
- [10] PITTA, Marina Galdino da Rocha. LIMA, Luziene Pereira de. CARVALHO, Jordy Silva de. TEXEIRA, Diego Rodrigues Cravo. NUNES, Tiago Rafael de Sousa. MOURA, José Arion da Silva. VIANA, Douglas Carvalho Francisco. PITTA, Ivan da Rocha. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e28101119296-e28101119296, 2021.
- [11] PRUDÊNCIO, João Vitor Lorenzato; DE MORA MARQUES, Jéssica Helena. Riscos da automedicação durante a covid-19. *Revista Científica*, v. 1, n. 1, 2021.
- [12] RUIZ, Juliana Matos Gomes; SOUZA, Érica Ferreira; DE PAIVA, Maykon Jhuly Martins. A influência midiática para automedicação do novo coronavírus: revisão literária. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 13, p. e53101321015-e53101321015, 2021.
- [13] SANTOS, Janice Machado dos Santos. MONTEIRO, Liliane. SOUSA, Samuel Gonçalves de. ARAÚJO, Bruno Gedeon de. Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente a Pandemia de Covid-19. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 11185-11204, 2021.
- [14] SILVA, Alicia de Freitas; JESUS, Jefferson Silva Pinho; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 4, p. 938-943, 2021.
- [15] SILVA, Carlos Eduardo Menezes da. NETO, Claudiano Carneiro da Cruz. BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos. SANTOS, Roberta Teodoro. SILVA, José Alexandre Menezes da. Influência das condições de bem-estar domiciliar na prática do isolamento social durante a Pandemia da Covid-19. 2020.
- [16] SOUZA, Elismar dos Santos; MARTINS, Wesleyny Pereira; DE JESUS MORAIS, Yolanda. Intervenção farmacêutica no uso indiscriminado da ivermectina: um estudo comparativo. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e312101119787-e312101119787, 2021.
- [17] SOUZA, Maria Nathalya Costa. RICARDINO, Isadora Ellen Feitosa. SAMPAIO, Kennedy. SILVA, Marcolino Ribeiro. LIMA, Ana Patricia Gomes de. FERNANDES, Danilo Leite. SAMPAIO, Adalberto Cruz. FEITOSA, Andréa Couto. BRITO, Alessandra Bezerra de. GUEDES, Tarciana Oliveira. MOTA, Magaly Lima. Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, p. e44510111933-e44510111933, 2021.
- [18] STEVENSON, Alex. KIRRESH, Ali. CONWAY, Samuel. WHITE, Laura. AHMAD, Mahmood. LITTLE, Callum. Hydroxychloroquine use in COVID-19: is the risk of cardiovascular toxicity justified?. *Open heart*, v. 7, n. 2, p. e001362, 2020.

[19] TORRES, Gyovanna Borges Lustosa. DAS NEVES, Kleberon Araújo. CUNHA, Claudiane Nunes da. SILVA, Janderson Rodrigues da. LIMA, José Micaely da silva. ALVES, Diego Ramon. Os riscos da automedicação de hidroxicloroquina e ivermectina como tratamento da Covid-19 no período pandêmico: revisão de literatura. E-Acadêmica, v. 3, n. 2, p. e4332208-e4332208, 2022.